

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**PASSARELAS SUBTERRÂNEAS DE BRASÍLIA, GRAFITES E PICHACÕES: UM  
OLHAR SOBRE A PAISAGEM URBANA E CULTURA.**

MARCELA SIMÕES SILVA PINTO

Brasília – DF  
2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**PASSARELAS SUBTERRÂNEAS DE BRASÍLIA, GRAFITES E PICHACÕES: UM  
OLHAR SOBRE A PAISAGEM URBANA E CULTURA.**

Monografia apresentada à comissão examinadora da  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília –  
FE/UnB – como requisito parcial para a obtenção do grau  
de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristina Maria Costa Leite

Brasília - DF  
2014

PINTO, Marcela Simões Silva. *Passarelas subterrâneas de Brasília, grafites e pichações: Um olhar sobre a paisagem urbana e cultura*. Brasília, julho de 2014. 68 páginas.

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARCELA SIMÕES SILVA PINTO

### **PASSARELAS SUBTERRÂNEAS DE BRASÍLIA, GRAFITES E PICHACÕES: UM OLHAR SOBRE A PAISAGEM URBANA E CULTURA.**

Monografia apresentada à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB – como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Cristina Maria Costa Leite

Banca examinadora:

---

Professora. Dra. Cristina Maria Costa Leite – Orientadora  
Universidade de Brasília

---

Professora. Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton – Membro  
Universidade de Brasília

---

Professora. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira – Membro  
Universidade de Brasília

Brasília, julho de 2014

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida, pela saúde e toda a força durante esta satisfatória jornada acadêmica. Em seguida, agradeço a minha mãe, Conceição Simões Pinto, e a meu pai, Roberto da Silva Pinto, meus maiores exemplos na vida, que sempre me incentivaram e apoiaram quaisquer que fossem as minhas escolhas e que nunca deixaram de acreditar nos meus sonhos. A vocês, todo o meu amor incondicional. Estendo esse amor aos meus irmãos, Felipe e Roberta, meus melhores amigos e companheiros. Agradeço também ao restante da família que, embora longe, sei que torcem por mim.

Agradeço também aos meus amigos queridos que tornaram esta jornada mais leve e divertida. Ao meu grande companheiro da vida, Robson Ferreira, que com palavras sábias soube me confortar nos momentos difíceis. Aos que conheci na UnB, professores, funcionários e colegas que contribuíram à minha formação e amadurecimento.

Chegar até aqui não foi fácil, mas com a ajuda de vocês eu fui capaz de atingir esta vitória e realizar um grande sonho.

A todas e todos o meu muito obrigada. Amo vocês!

## **Memorial**

Como filha de militar, a minha trajetória escolar foi marcada por muitas mudanças. Entre colégio militar, particular e religioso, as memórias são inúmeras. Eu comecei na Educação Infantil com 4 anos de idade (1995) quando estudei em uma instituição de ensino militar chamada “Escola Tenente Rêgo Barros”, em Belém-PA, cidade na qual morei durante 10 anos. Ali aprendi coisas básicas e extremamente valiosas, como amar os livros e o mundo da leitura e da imaginação. Sempre fui uma criança muito ativa, que gostava de correr, subir em árvore, jogar futebol e soltar pipa, mas sempre que tinha um tempinho “livre” gostava de sentar e ler.

Permaneci no Rêgo Barros durante alguns anos, até completar a 7º série do Ensino Fundamental como era chamada na época, hoje intitulado 8º ano. Cresci e me desenvolvi em um ambiente saudável e de muita harmonia, o qual eu sempre gostei de frequentar, hoje a saudade é, sem dúvida, enorme. O Rêgo Barros, de uma maneira muito sutil, conseguiu marcar uma fase da minha trajetória escolar, para mim, a mais importante, que é o Ensino Fundamental, de uma forma muito especial. Lá eu construí grandes amizades e conheci professores extraordinários que me incentivaram muito nos estudos.

Quando completei 14 anos (2005) meu pai foi transferido para Canoas-RS e com isso completei a 8º série (9º ano) em uma escola particular da rede Notre Dame chamada “Maria Auxiliadora”. No início a adaptação foi bastante complicada, pois tinha acabado de sair de uma escola cujo regime era basicamente militar, aonde chegávamos cedo e cantávamos o hino nacional, e dava entrada em uma escola de cunho religioso com uma rotina completamente diferente. Mas não demorou muito tempo para que eu me apaixonasse pela escola e construísse amizades consistentes que permanecem até hoje.

No Ensino Fundamental, de um modo geral, construí inúmeras amizades e conheci professores maravilhosos que me ajudaram a gostar de matemática, português e história. Hoje sou muito grata a todos eles.

Posso dizer que a minha passagem pelo Ensino Fundamental foi extremamente importante, pois tive contato com diferentes pessoas e diferentes realidades que contribuíram para a formação do meu caráter e me ajudaram a ser quem sou hoje. Ter a experiência de estudar em instituições completamente diferentes me instigou e, já nessa época, comecei a me

questionar quantos “tipos de educação” poderiam existir e passei a admirar o mundo da educação e a pedagogia, em particular.

No início do segundo semestre de 2005 meu pai recebeu a notícia de que seríamos transferidos para Montreal no Canadá, seria o tempo de completar a 8<sup>o</sup> série e já partir para outra realidade, dessa vez radicalmente diferente. Como eu tinha apenas 14 anos de idade na época, não fazia ideia do quanto aquilo me afetaria emocionalmente e, principalmente, como afetaria os meus estudos. Chegando lá, a adaptação foi extremamente complicada, pois além da nova rotina e do clima, tinha também o desafio da língua. O Canadá conta com duas línguas oficiais, o inglês e o francês. Meses antes de nos mudarmos, eu e a minha família, entramos em um cursinho de inglês para termos uma base do idioma, porém não foi o suficiente para nos dar a segurança da qual necessitávamos. Visto isso, passei o ano de 2006 estudando inglês em uma escola especializada para estrangeiros, “Centre Linguista”, que recebia gente do mundo inteiro. Nesse período, consegui garantir o diploma na língua e conseqüentemente me sentir mais segura e pronta para ingressar em uma escola local, a “Westmount High School”, localizada praticamente ao lado do apartamento onde morávamos, e lá eu daria início ao meu 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio. Mas não foi nada fácil.

Já na primeira semana de aula eu estava desesperada para sair, pois além de não ter sido bem recebida pelos meus companheiros de turma, que faziam “piadinhas” de mau gosto e me indicavam as salas erradas. Ao mesmo tempo, eu percebi que o inglês falado pelos professores dentro da escola era completamente diferente do falado nas ruas. Mas, mesmo diante das dificuldades aparentes, meus pais insistiram para que eu continuasse na escola, falavam que seria apenas uma questão de tempo até que eu me adaptasse e que isso seria muito importante para mim no futuro. Hoje, com 23 anos de idade, eu consigo reconhecer o significado disso, porém, na época, em menos de um mês eu estava fora da escola por questões de adaptação e da minha grande dificuldade com a língua inglesa. Mas, como todos nós sabíamos que eu não poderia ficar mais um ano sem estudar em escola regular, pois já havia passado um ano estudando apenas inglês, pesquisamos alguns colégios que ofereciam ensino a distância e entramos em contato com o Colégio Anglo Americano do Rio de Janeiro que trabalha com ensino regular a distância e eu consegui concluir o 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio. Foi uma experiência completamente nova e satisfatória, pois nesse período desenvolvi responsabilidades grandiosas com o estudo e descobri quão valiosa é a administração do tempo. Percebi que o fato de estudar com prazos pré-estabelecidos me ajudou a ser uma pessoa mais organizada e comprometida. Este foi o meu primeiro contato com a modalidade

de ensino a distância, e eu me vi completamente encantada com a sua eficiência, praticidade e seriedade.

Ao retornar para o Brasil, em 2008, residi em Brasília e consegui uma vaga no Colégio Militar dos Bombeiros, o Dom Pedro II para cursar o 2º ano do Ensino Médio. Em um primeiro momento não fui muito receptiva com a ideia de voltar a estudar em uma escola militar, porém, com o tempo, aceitei a ideia. A adaptação foi mais rápida e sem traumas, pois já havia estudado em um colégio parecido em Belém. Infelizmente não obtive sucesso na disciplina de Química e acabei por reprovar o 2º ano. Talvez porque tivesse saído um pouco do ritmo e da dinâmica escolar presencial. Diante desse fato lamentável, não quis me atrasar nos estudos e optei por fazer a chamada “dependência” em Química em um colégio particular aqui de Brasília, o JK - Juscelino Kubitschek. Desse modo eu consegui cursar o 3º ano do Ensino Médio no tempo certo e ao mesmo tempo cursar a disciplina de Química do 2º ano.

Passado tudo isso, e após a conclusão do Ensino Médio, meu pai foi novamente transferido, desta vez para o Rio de Janeiro, local onde nasci. Agora eu teria que me preparar para o vestibular e o ingresso na Universidade. Pensando nisso, alguns meses após a minha chegada, fiz o vestibular da UFRJ para Psicologia e não obtive aprovação. Passados alguns meses, abriram-se vagas para diversos cursos em diversas Universidades do Brasil através do Sistema de Seleção Unificada, o SISU, em que o ingresso nas faculdades se dá através da nota obtida no ENEM. Nesse momento eu optei por mudar de curso, pois percebi que durante toda a minha trajetória escolar eu havia desenvolvido certo amor e admiração pelo mundo da educação. Inscrevi-me então, para o curso de Pedagogia, na UniRio, uma das faculdades públicas no Rio de Janeiro, e consegui ingressar no início do ano de 2010. Nesse período, decidi que iria tentar o vestibular da UnB no meio do ano. Felizmente consegui a aprovação e voltei a morar em Brasília com o meu irmão, enquanto o meu pai terminava o tempo de serviço no Rio de Janeiro.

Deste dia em diante, desenvolvi um amor incondicional pela educação. Apaixonei-me pelo universo letrado e não me arrependo do dia em que resolvi mudar de curso. Sou uma admiradora da alfabetização e uma fã incondicional da educação corporativa e à distância. Hoje, prestes a realizar o meu sonho como estudante de Pedagogia, não poderia estar mais feliz e agradecida por tudo o que eu passei nessa minha jornada escolar. Dentre tantas mudanças e adaptações, pude vivenciar as diferentes vertentes da educação e o potencial de cada uma delas. Sou grata por ter tido a oportunidade de estudar na Universidade de Brasília e por ter conseguido chegar até aqui. A trajetória não foi fácil, ninguém aprende a ser um

universitário, a não ser quando pisa na faculdade e se depara com um universo de escolhas e novos caminhos. Apesar de algumas dificuldades e contratemplos sempre me mantive firme nos meus objetivos, pois sempre soube onde queria chegar.

Seguindo firme nos meus objetivos, pretendo permanecer em Brasília, casar e fazer concurso público para Consultor Legislativo do Senado Federal na área de educação. Acredito que tão importante quanto entrar em uma sala de aula, fazer parte dos bastidores da educação e ter a oportunidade de trabalhar diretamente na elaboração do Plano Nacional de Educação, documento de extrema significância e importância para a Educação do nosso país, eu esteja mais próxima de realizar um ideal de educação básica que inclua todos, respeitando cada um em sua individualidade e particularidade, valorizando não só o potencial cognitivo da criança, mas também toda a sua capacidade corporal e emocional de se expressar e se desenvolver.

Uma das grandes lições que a Universidade de Brasília me deixou foi que todo o ato precisa ser feito com amor e por amor. Ser pedagogo é amar o ser humano em toda a sua totalidade e integridade. Educar um indivíduo é uma das atividades mais nobres que conheço e me orgulho muito disso, de poder fazer parte de uma nova geração de Pedagogos prontos para lutar pela melhoria da qualidade da Educação no país.

## **Resumo**

O trabalho aqui desenvolvido se insere no campo de estudos e investigações da Geografia Escolar com o objetivo de identificar características culturais na paisagem urbana da cidade de Brasília. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre a cultura e a paisagem do lugar e, a partir daí, analisa como determinadas manifestações culturais – grafite e pichação – expressam características da cultura na cidade. Para isso foram analisadas as 08 passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília. Parte fundamental do projeto de Lúcio Costa, por onde pedestres atravessam a principal via de articulação da cidade e se deslocam no sentido leste – oeste e vice versa, sem confronto com o trânsito. Considerando-se que a leitura do mundo da vida pode ser feita através da leitura do espaço, visto que este traz e representa as marcas da vida dos homens (CALLAI, 2005), a análise das passarelas subterrâneas oferece interessante perspectiva sobre a vida urbana de Brasília. Nesse sentido, este trabalho foi pensado e elaborado no sentido de mostrar a expressão cultural nas passarelas subterrâneas da Asa Norte, por meio dos grafites e pichações. A pesquisa nas passarelas se deu em dois procedimentos; o primeiro foi à criação de um acervo imagético com 300 fotografias das manifestações culturais de grafite e pichação, das quais 31 foram selecionadas para análise e exposição no trabalho, e o segundo procedimento foi a realização de entrevistas com 9 transeuntes que passavam no local no momento em que eram realizados os registros fotográficos. A pesquisa realizada atestou que a população da Asa Norte tem receio de atravessar as passarelas, pois alega insegurança, desconforto e intimidação, pois além de sujas e quebradas essas apresentam pichações e desenhos ofensivos que de certa forma atingem aos transeuntes. Tal fato evidencia como algumas manifestações da cultura urbana podem afetar o modo pelo qual o sujeito vê e percebe a sua cidade.

Palavra-chave: Paisagem, Lugar, Cultura Urbana, Grafite, Pichação.

## **Abstract**

The work here belongs to the field of studies and investigations of School Geography in order to identify cultural features in the urban landscape of the city of Brasilia. In this sense, this research presents a reflection about the culture and the landscape of the place and, thereafter, examines how certain cultural expressions - graffiti - express characteristics of culture in the city. For this we analyzed the 08 underground walkways North Wing of Brasilia. Fundamental part of the project Lúcio Costa, where pedestrians cross the main road of joint city and moving towards east - west and vice versa, without confronting transit. Considering that the reading of the living world can be done by reading the space, as this brings and represents the brands of men's lives (CALLAI, 2005), analysis of underground walkways offers interesting perspective on urban life Brasilia. In this sense, this work was planned and executed in order to show the cultural expression in the underground walkways North Wing, through graffiti and graffiti. The research on the runways was in two procedures; the first was the creation of an imagery collection with 300 photographs of cultural events graphite and graffiti, of which 31 were selected for analysis and exposure at work, and the second procedure was conducting interviews with passers-9 passing locally at in which photographic records were made. The survey has attested that the population of the North Wing afraid to cross the runway, he argues insecurity, discomfort and intimidation, as well as dirty and broken these have offensive graffiti and drawings that somehow reach to passersby. This fact shows how some manifestations of urban culture can affect the way in which the subject sees and perceives their city.

Keyword: Landscape , Place , Urban Culture , Graffiti.

## Lista de Figuras

<b>Figura 01:</b> Evidências de consumo de crack.....	37
<b>Figura 02:</b> Sujeira e piso quebrado.....	38
<b>Figura 03:</b> Localização das passarelas subterrâneas de Brasília.....	39
<b>Figura 04:</b> Pichação aleatória.....	42
<b>Figura 05:</b> Pichação aleatória.....	42
<b>Figura 06:</b> Pichação aleatória.....	43
<b>Figura 07:</b> Escada de acesso à passarela.....	43
<b>Figura 08:</b> Contra toda autoridade.....	44
<b>Figura 09:</b> Afronto a polícia.....	44
<b>Figura 10:</b> Grupo ANA que defende os direitos das mulheres.....	45
<b>Figura 11:</b> Grupo ANA.....	45
<b>Figura 12:</b> Grupo contra o machismo.....	46
<b>Figura 13:</b> Identificação de grupos.....	46
<b>Figura 14:</b> Grupo contra o machismo.....	47
<b>Figura 15:</b> Grupo pró educação MEPR.....	47
<b>Figura 16:</b> Grupo pró educação MEPR.....	48
<b>Figura 17:</b> Oposição ao governo.....	48
<b>Figura 18:</b> Oposição ao governo.....	49
<b>Figura 19:</b> Grupo pró educação MEPR.....	49
<b>Figura 20:</b> Oposição ao governo.....	50
<b>Figura 21:</b> Diferentes grupos.....	50
<b>Figura 22:</b> Grupo X.....	51
<b>Figura 23:</b> Parede quebrada.....	51
<b>Figura 24:</b> Diferentes grupos.....	52
<b>Figura 25:</b> Grupo ANA.....	53
<b>Figura 26:</b> Rosto feminino.....	54
<b>Figura 27:</b> Guerreira.....	54
<b>Figura 28:</b> Flor.....	55
<b>Figura 29:</b> Coruja.....	55
<b>Figura 30:</b> Mulher.....	56

<b>Figura 31:</b> Peixe.....	56
<b>Figura 32:</b> Sentidos.....	60
<b>Figura 33:</b> Violência.....	61
<b>Figura 34:</b> Grupo ANA.....	62
<b>Figura 35:</b> Grupo MEPR.....	62

## Lista de Quadros

<b>Quadro 01:</b> Posição dos entrevistados.....	57
<b>Quadro 02:</b> Síntese dos entrevistados.....	58

## Sumário

Apresentação.....	16
Fundamentação teórica.....	17
<b>Capítulo I.....</b>	<b>18</b>
I.I Introdução.....	18
I.II Objetivos.....	22
<b>Capítulo II.....</b>	<b>23</b>
II.I O lugar.....	23
II.II A paisagem.....	26
II.III Brasília e a Asa Norte.....	27
II.IV Cultura Urbana.....	30
II.V Manifestações Culturais: Grafite e Pichação.....	32
<b>Capítulo III.....</b>	<b>35</b>
III.I Metodologia	
III.I.I Perspectiva Metodológica.....	35
III.I.II Pesquisa Empírica.....	36
III.I.III Contexto de construção das informações empíricas.....	36
III.I.IV Procedimentos de construção de informações empíricas.....	39
III.I.V Procedimentos de análise das informações empíricas.....	40
III.I.VI Instrumentos e materiais.....	41
III.II Resultados	
III.II.I Registros Fotográficos.....	41
III.II.II Categoria: Pichação.....	41
III.II.III Categoria: Grafite.....	53
III.II.IV Entrevistas.....	54
IV.Discussão.....	60
V. Conclusão.....	65

## Referências

## **Apresentação**

Este trabalho é um aprofundamento teórico/metodológico de uma pesquisa sobre a Asa Norte de Brasília, realizada na disciplina de Educação em Geografia, cursada no sexto semestre acadêmico do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Nesse sentido, apresenta-se em duas partes: memorial educativo e perspectivas profissionais; monografia. No memorial educativo apresento minha trajetória acadêmica e meus interesses futuros, depois de concluir a graduação. Na monografia, dividida em três capítulos, no primeiro apresento a trajetória histórica da Geografia Escolar, os objetivos e o referencial teórico. No segundo, apresento os conceitos de lugar, paisagem, grafite e pichação no meio urbano, situo Brasília e a Asa Norte, além de apresentar os conceitos de Cultura Urbana e Expressão Cultural. O terceiro capítulo refere-se à metodologia, resultados, discussão e conclusão.

Este estudo pretende mostrar como é possível, por meio de aspectos concretos da vida cotidiana, efetuar uma leitura da paisagem e transcendê-la, no sentido de inferir importantes elementos da cultura, que produzem o espaço e nesse, as particularidades de cada território. Tal concepção vincula-se aos propósitos da Geografia Escolar, que objetiva contribuir para o estabelecimento de uma consciência espacial do aluno, por meio do lugar, importante categoria de análise do espaço geográfico.

Desse modo, a partir de considerações sobre a Geografia Escolar, e a especificação da importância dos conceitos de Lugar e Paisagem nos processos de ensino/aprendizagem dessa área do conhecimento, para análise do espaço geográfico, são analisadas as 08 passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília. Os resultados dessa análise apontam para identificação de características da cultura urbana desse território, notadamente no que se refere à apropriação desse e, ainda, manifestações da população que ali vive. Por conseguinte, comprova-se que é possível, viável e interessante, estabelecer uma análise geográfica a partir de um elemento concreto da vida cotidiana.

## **Fundamentação Teórica**

Para a realização desta pesquisa alguns conceitos fundamentais nortearam as análises feitas, a saber: Lugar, Paisagem, Cultura Urbana, Expressão Cultural.

Em relação ao conceito de Lugar utilizaremos as contribuições de Cavalcanti (1998; 2001; 2005), Callai (2000), Moreira (2009), Sennet (2000), Harvey (2005) e Soja (1993). Com relação ao conceito de Paisagem, utilizaremos Morcelli (2013), Santos (1991), Callai (2000), Bertrand (2007), Cavalcanti (2001) e Beringuier (1991). Para o conceito de Cultura Urbana utilizaremos Mendonça (2009), Velho (1992), Morin (1975) e Salles (2009). Já no que diz respeito à Expressão Cultural utilizaremos Cascardo (2012) e Lima (2007). Conforme apresentação que se segue.

## CAPÍTULO I

### 1.1 Introdução

Na educação escolar do período de transição do século XIX para o início do século XX, o campo de investigação referente à Geografia se caracterizava por restringir a realidade ao estudo das paisagens naturais e humanizadas, por meio de estratégias didáticas pautadas na memorização das especificidades dos lugares e seus elementos. Deve-se a isto à tradicional postura da Geografia e do professor, que consideravam como importante, no processo educativo: os dados, as informações, o elenco de curiosidades, os conhecimentos gerais, as localizações, enfim, o conteúdo acessório, como nos lembra Brabant:

“Discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, na sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança no sentido de uma despolitização total” (BRABANT, 1989, p.18-19).

Esta Geografia, da maneira pela qual era ensinada, não atraía os alunos; não havia uma consciência da importância dos conteúdos ensinados por essa matéria; o saber por ela veiculado era inútil e sem significado aos alunos, pois não estabelecia nenhum tipo de relação com sua realidade e seu cotidiano. O que gerava a reprodução de dados isolados, e ainda exigia dos alunos a capacidade de reproduzir os conteúdos programáticos em avaliações, sem nenhum tipo de questionamento e sem espaço para a reelaboração, para a construção de conhecimentos novos e para a produção da autonomia do pensamento geográfico.

No Brasil tal situação permaneceu até a década de 1970, quando começou um período de importantes transformações, em geral, e no ensino de Geografia, em particular. Nesse sentido, o modelo tradicional de educação pautado na repetição, memorização do conhecimento e mero repasse de informações atualizadas, passa a ser combatido por uma nova proposta, a Geografia Crítica, que propõe um diálogo com o mundo real, extra escola, e fundamenta-se no Materialismo Histórico Dialético, isto é, que supere a visão positivista e promova uma transformação da realidade social. Nesse contexto, o ensino de Geografia redefiniu suas prioridades e assumiu uma postura considerada não só científica, mas também plural, que permitiu a possibilidade de considerar o aluno como sujeito do processo de

ensino/aprendizagem, numa relação dialógica, para construção coletiva de um dado saber, mediado pelo professor. (CALLAI, 2007; CAVALCANTI, 2008; LEITE, 2011;).

Sabemos que os desafios emergentes são diversos e por isso, a ação do professor deve se direcionar para além da seleção de conteúdos/metodologias que o orientem, de forma a tornar-se um mediador do conhecimento, autônomo, criativo, pluralista e propositivo na/da sua realidade. Isso se torna relevante, pois consideramos que educar é não se limitar ao repasse de informações, indicação de apenas um caminho ou, ainda, aquilo que o professor considera mais correto. Ao contrário, é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros, da sociedade em que vive e além dela (FREIRE, 1987; SAVIANI, 2000). Tais considerações, portanto, evidenciam que existem outras referências na composição da Geografia Escolar, para além da ciência, como por exemplo, as concepções pessoais dos professores resultantes de sua própria experiência com a Geografia e com a prática escolar.

Nesse contexto, podemos afirmar que a Geografia Escolar é um saber e/ou um campo disciplinar que possui um estatuto próprio, visa à formação do aluno e fornece ferramentas para a leitura do mundo (CALLAI, 2000). Assim, e de acordo com (OLIVEIRA, 2006) é necessário que o processo didático-pedagógico do ensino da Geografia, em sua cotidianidade, contemple a emergência de uma realidade mais justa, capaz de alfabetizar/letrar os alunos para a leitura que se tem e se pode ter de mundo, bem como ajudá-los a se situarem e se apropriarem dessa realidade de forma consciente. Isso significa que esses alunos devem se reconhecer como sujeitos sociais, construtores do seu espaço. Isso porque é a partir da apropriação do espaço, nas materializações diversas e de todas as ordens, próximas ou distantes, que os homens poderão transformá-lo e dispor de uma melhor qualidade de vida, no concernente à cidadania. É preciso, então, preparar os alunos para que eles compreendam o valor do seu espaço e de suas ações nele. A Geografia Escolar, então, lida com conhecimentos sobre o espaço socialmente produzido, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento do raciocínio espacial do aluno, necessário ao exercício da cidadania, pois se acredita que a espacialidade é uma dimensão significativa da realidade.

Nesse contexto, uma das formas de contribuir para o desenvolvimento do raciocínio espacial se estabelece pelo processo de construção de conceitos geográficos, tais como paisagem, lugar, natureza, sociedade, região, território, entre outros, que relacionados à localização, orientação e representação dos fenômenos e situações existentes num dado local, permitem uma compreensão acerca da espacialidade desse. Os conceitos geográficos possibilitam a construção de instrumentos simbólicos, que ajudam na relação do sujeito com o

mundo, operando mediações entre as representações cotidianas desse sujeito e sua realidade objetiva (CAVALCANTI, 2005). Por isso esses conceitos são relevantes para compor um modo de pensar espacial e para analisar espaços específicos. A Geografia Escolar busca, assim, estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, ao mesmo tempo, às contribuições de outras áreas da ciência e às diferentes especialidades em seu interior; um olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações do senso comum, ao sentido dado pelas pessoas para suas práticas espaciais. Isso significa dizer que a Geografia Escolar busca caminhos alternativos para ensinar criticamente conteúdos críticos. Mais do que localizar e descrever elementos da natureza, da população e da economia, de forma separada e dicotomizada, propõe uma nova estrutura para esses conteúdos escolares, que tenha como pressuposto o espaço socialmente produzido, pleno de contradições sociais, orientado à explicação das causas e consequências das localizações de certas estruturas espaciais, numa perspectiva relacional e histórica. Desse modo, pode-se afirmar que a Geografia Escolar caracteriza-se como um conhecimento efetivamente ensinado, efetivamente vinculado e trabalhado em sala de aula. É uma Geografia construída através de relações indivíduo-indivíduo e indivíduo-espaço. (CAVALCANTI, 2005).

Diante dessas considerações há de se ressaltar, ainda, que nos primeiros anos do século XXI, alguns aportes teóricos têm resultado em indicações para a prática do ensino de Geografia. Entre elas podemos destacar a reafirmação do Lugar como dimensão espacial importante. O Lugar é uma categoria de análise do espaço geográfico (LEITE, 2012) e expressa as particularidades da vida cotidiana; o cotidiano é o lugar do vivido, do desejo, do sentido. O Lugar passou a ser visto como referência necessária, como escala de análise dos conteúdos do ensino; o ensino da Geografia passou a ter como objetivo relevante estudar o lugar para compreender o mundo (CALLAI 1999, 2001, 2003; LEITE, 2012).

Além desta, outras preocupações e indicações práticas, formuladas para uma sociedade complexa como é a contemporânea, propõem considerar os interesses, as atitudes e as necessidades individuais e sociais dos alunos, que mudaram sobremaneira na virada do século XX para o XXI. Nesse contexto de transição, onde ocorreram mudanças paradigmáticas, impõe-se a necessidade de entendimento dos por quês de várias questões, para alcance de uma visão mais ampla e abrangente da realidade. É nesse contexto que se estabelece, se renova e se redimensiona a importância da Geografia, que se apresenta como uma ciência fundamental à formação de uma nova mentalidade: aquela que é imprescindível a uma conduta compatível

com os imensos desafios que o processo de sobrevivência impõe no curso desse século XXI (LEITE, 2002).

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que a reorientação na Geografia, desencadeada a partir da vertente crítica, originou alternativas metodológicas para poder expressar as análises desse novo momento do mundo. Nesse contexto, a Geografia Escolar considera a necessidade de desenvolver habilidades de percepção do espaço, por meio das referências de localização, orientação e representação, a partir do estudo do lugar, para criar uma oportunidade concreta de dimensionalidade e compreensão da realidade, a partir de uma realidade micro, aquela vivenciada pelo aluno, cotidianamente. Tal afirmação imputa a necessidade de especificação do conceito de lugar, conforme pode ser verificado a seguir, o Lugar na escolarização em Geografia.

Diante dessas considerações, o presente trabalho analisa a formação da cidadania no contexto da escolarização em Geografia, a partir do cotidiano vivido pelas pessoas. Nesse sentido, o recorte metodológico desse cotidiano se expressa pelas passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília, percurso concreto de pedestres, e Lugar de passagem. Tal temática apresenta possibilidades efetivas de discussão da vida urbana, suas formas e contradições, sua paisagem e cultura. Assim, constitui-se conteúdo de análise, o que confere oportunidade prática de compreensão da realidade espacial de uma dada localidade e, por conseguinte, de formação da cidadania, pelo processo de escolarização, em geral, e pelo ensino de Geografia, em particular.

## 1.2 Objetivos

Nesse contexto, constitui-se objetivo geral dessa investigação: Analisar a cultura urbana na paisagem de Brasília, por meio das passarelas subterrâneas da Asa Norte.

Os objetivos específicos são:

- Identificar as manifestações culturais existentes;
- Criar um acervo imagético (fotografias) das manifestações culturais existentes;
- Analisar e classificar as diferentes expressões gráficas;
- Associar as expressões gráficas identificadas em relação ao conjunto urbano de Brasília
- Estabelecer as referências entre paisagem urbana e cultura;
- Mostrar como a temática apresenta possibilidades à escolarização, no que se refere à compreensão da espacialidade.

Tais objetivos se inserem na lógica de comprovar a suposição de que as passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília evidenciam a cultura urbana. Desse modo, a análise dessa paisagem constitui-se importante elemento de investigação para compreensão da dimensão espacial da realidade, de um lado, e a formação da cidadania do aluno, de outro.

Assim, o presente trabalho divide-se em quatro partes: a primeira explicita os fundamentos teóricos à análise da temática. A segunda especifica a metodologia usada para alcance dos objetivos. A terceira apresenta os resultados e os discute. Os itens finais referem-se às conclusões e referências bibliográficas.

## CAPÍTULO II

### 2.1 O Lugar

A Geografia constitui-se um discurso teórico universal, que combina a escala mais simples das coisas singulares da percepção, a mais abstrata e complexa da totalidade do conceito embutindo em sua estrutura desde as práticas espaciais e seus saberes, até o pensamento abstrato que é o domínio da ciência (MOREIRA, 2009). Isto faz da Geografia um saber do espaço vivido. Um saber com a propriedade de elevar o homem de um saber comum a um saber mais abstrato, sem se desligar das ambiências e vivências. (MOREIRA, 2009). Nesse contexto, se insere a perspectiva de Lugar, que não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (CAVALCANTI, 1998), por corresponder a aspectos da realidade vivida pela pessoa, em seu grupo social e território.

Considerando-se que, o espaço é humano não porque o homem o habita, mas porque o produz, pode-se afirmar que a vida na contemporaneidade vem desencadeando outra cultura do tempo e do espaço, que por sua vez, vem redefinindo a natureza das relações sociedade/natureza e a experiência da vida cotidiana. Para (SOJA, 1993) são essas mudanças, marcas do período contemporâneo, que redefinem a importância e a centralidade de categorias e fronteiras da pesquisa acadêmica, de modo geral, e por conseguinte da Geografia. Nessa perspectiva, o estudo do Lugar constitui-se uma alternativa metodológica para compreensão do espaço, objeto de estudo da Geografia, por representar uma categoria de análise desse espaço. No que se refere ao processo de escolarização, representa a possibilidade de um ensino contextualizado, orientado à dinâmica local, a partir da realidade vivida pelo aluno, que se constitui ponto de partida para a compreensão da forma como a sociedade e os seus indivíduos vêm assimilando as transformações do mundo atual e produzindo seu espaço. Nesse contexto, a cidade é a expressão de um modo de vida e concentra todas as representações acerca da contemporaneidade.

Em função da dinâmica urbana atual, a cidade se torna palco de transformações e movimentos decorrentes do sistema capitalista de produção. A cidade é o lugar vivido pela maioria das pessoas, por conseguinte, está repleta de relações históricas, de vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e as tornam significativas. Desse modo, ao pensar na escolarização em Geografia, o estudo do Lugar se estabelece por meio do

(re)conhecimento da cidade, pois compreender o meio em se que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e entender os fatos que ali aconteceram e produziram aquele espaço. Para (CAVALCANTI, 2001, p.15) “[...] falar em produção do espaço é falar desse espaço como componente da produção social em geral, que tem uma lógica, uma dinâmica que é própria dessa produção social, de um modo de produção da sociedade”. Estudar o Lugar, portanto, é resgatar memórias e buscar entender determinada cultura. Compreender o espaço supõe conhecê-lo, entendendo o seu processo de formação. E a Geografia é, portanto, dentre todas as ciências sociais, aquela que tem por preocupação compreender o espaço construído pelos homens.

Tal concepção é reforçada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998) cuja proposição constituiu-se um marco na reorientação do ensino da Geografia Escolar. A partir deste referencial surgiram possibilidades de investigação dessa área do conhecimento, no âmbito escolar, em outras fundamentações filosóficas, além da clássica, pautada no positivismo. Nesse contexto, a Geografia assumiu algumas responsabilidades, entre as quais se destaca a conformação da consciência espacial. Nessa perspectiva, o estudo do lugar adquire significativa importância, na medida em que permite estimular, nos alunos, a habilidade de perceber o espaço a partir de referências concretas da vida cotidiana. Nessa perspectiva, torna-se relevante compreender a cidade como um lugar que abriga, produz e reproduz cultura, para que o processo de formação da consciência espacial se estabeleça a partir da cidade vivida do aluno, seu lugar de ser no mundo.

Para (CALLAI 2000, p. 84) “estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive, para além das suas condições naturais e humanas”. Isso significa que é possível pensarmos que o estudo do Lugar apresenta uma relação direta com o processo de construção da cidadania. Desse modo, quando se entende que cidade é a expressão concreta da vida do indivíduo, supõe-se o estabelecimento de um senso de responsabilidade desse, para com o lugar em que vive. Todas as cidades educam, na medida em que a relação do sujeito, do habitante, com esse espaço é de interação ativa, e que suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação. A cidade é educadora: ela educa, ela forma valores, comportamentos; ela informa com sua espacialidade, com seus sinais, com suas imagens, com sua escrita. E a prática da cidadania inclui a competência de fazer a leitura da cidade (CAVALCANTI, 2005). Por isso, estudar o lugar por meio da cidade é relevante à conformação não somente da consciência espacial, mas também à formação da cidadania.

Considerando-se que a maioria da população vive em cidades, aproximadamente 86,53% segundo dados do IBGE (2012), e esse fenômeno é mundial, partimos do pressuposto que esses espaços se constituem como locais complexos, com diferentes modos de vida e uma multiplicidade de manifestações culturais e sociais. Por isso a imagem da cidade que boa parte das pessoas tem é, muitas das vezes, associada à concepção de caos, em virtude do aglomerado de pessoas, equipamentos urbanos e serviços. Nessa perspectiva, (HARVEY, 2005) e (SENNETT, 2000), chamam a atenção para práticas culturais norteadas por valores simbólicos, numa sociedade da informação, do espetáculo, da mídia, da homogeneização cultural, da competição global, que repercute concretamente no cotidiano dos diferentes sujeitos que vivem na cidade. Desse modo, as cidades são expressão da diversidade de grupos, pois se constituem lugares de diferença, em que cada um pensa e expressa a sua realidade de maneira diferente e subjetiva. Por isso a cidade é carregada de múltiplas identidades e sujeitos. (CAVALCANTI, 1998) afirma que, esses elementos multiculturais possibilitam uma articulação entre a cidade, o espaço público e a cidadania, na medida em que a cidade é o lugar de culturas e cidadania, como a que exercita o direito a ter direitos, a que cria direitos no cotidiano, na prática da vida coletiva e pública. Por conseguinte, a subjetividade dos sujeitos da cidade deve ser analisada na sua relação com a objetividade da produção do espaço, com os processos estruturantes da sua produção e com as contradições inerentes às múltiplas identidades desses sujeitos.

A compreensão da complexidade deste espaço tem ganhado importância no ensino de Geografia, pois sua análise evidencia o próprio processo de produção do espaço, por meio da realidade vivida de cada aluno, em seu lugar. Tal fato, então, expressa o processo de construção do conhecimento em Geografia Escolar, que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Nessa perspectiva, a Geografia visa contribuir para a formação integral dos educandos, por meio do desenvolvimento da consciência espacial. Desse modo, o papel dessa área do conhecimento é refletir, compreender, observar, interpretar e saber pensar o espaço geográfico, produto histórico que revela as práticas sociais das pessoas que nele convivem. Esse espaço geográfico pode ser lido e entendido de diferentes formas. Entre essas formas se destaca o conceito de paisagem, pois tanto os aspectos objetivos captados na paisagem quanto os aspectos subjetivos dos sujeitos que conferem significados e sentidos aos elementos dessa paisagem.

## 2.2 A Paisagem

A paisagem é considerada um instrumento essencial de leitura e de aprendizagem no ensino da Geografia. Essa categoria geográfica consiste em tudo aquilo que é perceptível através de nossos sentidos (visão, olfato, tato e audição), com destaque para os elementos visíveis. Assim, a paisagem pode ser definida como domínio do visual, aquilo que a vista abarca (SANTOS, 1991, p. 61). Porém sabemos que a paisagem não se limita somente a visão. Ela envolve cheiros, sons e é composta também por tudo aquilo que se esconde em nossas mentes. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada. A paisagem, portanto, é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças deixadas por nossos antepassados. Ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza. (MORCELLI, 2013).

Nesse mesmo sentido, (CALLAI, 2000: 97) considera que “o lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos”. Percebe-se, então, que a partir da paisagem é possível compreender em parte a realidade num determinado momento, pois a paisagem está em constante mutação. Assim, o conceito de paisagem nos ajuda a compreender as práticas e as concepções das pessoas sobre a cidade e a vida urbana. Permite-nos interpretar e até mesmo tentar decifrar diferentes culturas e manifestações sociais dentro de uma mesma comunidade.

De acordo com os PCN's (BRASIL, 1998), a paisagem tem um caráter específico para a Geografia e distinto daquele utilizado pelo senso comum. A paisagem, mesmo que muitas vezes abstrata, conjuga o passado, o presente e nos convida a imaginar um futuro. É definida como sendo uma unidade visível, possui uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos. Para Bertrand (2007) qualquer paisagem é, ao mesmo tempo, social e natural, subjetiva e objetiva, espacial e temporal, produção material e cultural, real e simbólica. Dada à sua complexidade não devemos estudar itens apenas, mas sim toda a globalidade do fenômeno. Nessa linha de raciocínio, Cavalcanti (2001) destaca que:

Paisagem urbana é o aspecto visível do espaço, é a sua expressão formal, aparente. Enquanto dimensão formal, expressa o conteúdo, as relações sociais que a forma. Assim, ela é histórica, social e concreta. O espaço é o conteúdo, são as relações sociais em movimento e que se materializam espacialmente[...] A observação da paisagem urbana permite perceber a

espacialização das diferentes classes sociais; áreas deterioradas, áreas segregadas, áreas nobres, áreas em processo de valorização, são facilmente reconhecidas na paisagem (CAVALCANTI, 2001, p.14).

Assim, estudar o lugar, tendo como ponto de partida a paisagem, implica certa profundidade para que tanto a dimensão objetiva, quanto a dimensão subjetiva, sejam levadas em consideração. Muitas vezes é preciso ultrapassar a barreira do visível, para se chegar a uma conclusão a respeito de determinada paisagem e entender como isso afeta a sociedade e a realidade de determinado lugar.

"[...] a paisagem que vemos hoje não será a que veremos amanhã e nem tão pouco é a que foi vista ontem, pois a paisagem é produzida e reproduzida no decorrer do tempo, através da ação do homem e da sociedade sobre o território, levando em conta que cada ator social tem seu tempo próprio no espaço. Assim, a paisagem é por conseguinte objeto, concreto, material, físico e efetivo e é percebida através dos seus elementos, pelos nossos cinco sentidos, é sentida pelos homens afetivamente e culturalmente". (BERINGUIER, 1991, p. 7)

Pode-se dizer, então, que a paisagem é resultado da cultura local. A história de um determinado povo pode ser contada através das suas paisagens e elementos naturais, podendo ser considerada, portanto, como a dimensão espacial da cultura. Essa noção de cultura não considera indivíduos isolados ou as características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas que ocupam um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo. A paisagem, nesse sentido, pode reunir a expressão de diversas culturas, bem como carregar em si a maneira em que determinados grupos sociais enxergam a sociedade. Desse modo, toda paisagem somente é paisagem, quando é vista, sentida e percebida.

Diante do exposto, e no sentido de aplicar tais considerações teóricas a uma perspectiva prática, os itens que se seguem referem-se à cidade e parte de sua paisagem, ou seja, a Brasília e suas vias de circulação subterrâneas para pedestres.

### **2.3 Brasília e a Asa Norte**

Brasília, projeto do arquiteto e urbanista Lúcio Costa, não era apenas o traçado de uma cidade voltada para a administração pública e que expressava "a grandeza de uma vontade nacional", como determinava o edital do concurso que elegeu seu projeto para delinear os

traços da nova capital do Brasil. Essa proposição sugeria uma nova concepção de vida, baseada no resgate de valores essenciais ao bem-estar coletivo; uma cidade-parque em que homem e natureza convivessem de forma harmoniosa e em que os laços comunitários fossem fortalecidos; uma capital arrojada e moderna, com um sistema viário inovador, pontuada por monumentos de forte impacto cívico e arquitetônico. Nessa perspectiva, o projeto de Lúcio Costa, planejado para 500 mil habitantes, também previu, entre outras áreas, os Setores Culturais, o Centro Esportivo, a Cidade Universitária, o Jardim Botânico, o Setor Militar e os quartéis, as zonas destinadas à armazenagem e abastecimento, às garagens de viação urbana e às pequenas indústrias locais.

Mas nem tudo saiu como previsto pelo urbanista, e este fato pode ser observado nos dias atuais. A nova capital acabou sendo construída mais perto do Lago Paranoá, para evitar a ocupação indevida entre a Praça dos Três Poderes, e a orla do lago. Desse modo, os Setores de Habitação Individual Sul e Norte (hoje transformadas em outras regiões administrativas) tiveram de ocupar a outra margem do lago.

Nesse contexto, para atender à demanda crescente por templos e colégios particulares, foram planejados os chamados Setores de Grandes Áreas, a Leste e a Oeste. Com isso, várias outras mudanças precisaram ser feitas. O Setor de Mansões surgiu a partir de iniciativa de Israel Pinheiro (1896 – 1973), primeiro administrador de Brasília. Os Ministérios precisaram ganhar prédios anexos e foram criadas novas áreas residenciais mais populares, como o Cruzeiro e a Octogonal. As casas isoladas, de maior padrão econômico, também proliferaram no Lago Norte e no Lago Sul. Mesmo assim, 54 anos depois, o espírito do Plano Piloto de Lucio Costa continua bem vivo e Brasília considerada como Patrimônio Cultural da Humanidade (Unesco, 1987), permanece como um presente para os brasileiros e para o mundo.

Como planejado por Lúcio Costa, uma das quatro principais áreas residenciais de Brasília é a Asa Norte, considerada nobre, que tem localização privilegiada e boa infraestrutura. Seu perímetro urbano tem formato retilíneo, com cerca de sete quilômetros de extensão, é levemente curvado (como a asa de um avião) e cortado pelo Eixo Rodoviário Norte, o Eixão, com 7 quilômetros — a grande avenida que cruza todo o Plano Piloto e delimita as quadras residenciais. Não há dúvidas de que morar na Asa Norte significa conforto e acessibilidade, pois os moradores contam com oferta de serviços básicos variados próximas de suas residências.

Os cerca de 100 mil moradores da Asa Norte contam com escolas públicas e particulares além de boas universidades, postos de saúde e hospitais, áreas de cultura e lazer, farmácias e supermercados tudo praticamente na porta de casa. Uma das grandes satisfações de morar na Asa Norte é que todas as quadras contam com farmácia e padaria, o que facilita a vida do morador, que não precisa se deslocar muito para adquirir produtos do dia a dia ou de emergência. Uma pena é que muitas dessas áreas ditas de lazer encontram-se abandonadas e em péssimo estado de conservação, o que acaba por delimitar as opções dos moradores, no que diz respeito ao próprio lazer e socialização, antes prevista para a nova capital.

Cada quadra tem seu comércio próprio, com cerca de 50 lojas, desde chaveiros, padarias e quitandas até agências bancárias e escolas de idiomas. Isto sem contar as dezenas de bares e restaurantes, o que dá à Asa Norte um ar boêmio. Um dos principais atrativos para os moradores é a grande área verde junto aos blocos residenciais, com quadras esportivas, playgrounds, bancas de jornal e muitos jardins. Porém, é lamentável que muitos desses espaços estejam inutilizáveis, devido ao abandono e a falta de cuidado e preservação, tanto por parte dos moradores, quanto por parte da população, em geral. Lúcio Costa, ao elaborar o seu projeto, pensou em todo o tipo de conforto, lazer e praticidade para os moradores do plano piloto.

Na perspectiva da mobilidade dos moradores, toda a cidade é cortada por um eixo, no sentido norte e sul, cuja travessia se dá por meio de passarelas subterrâneas, objeto de estudo dessa pesquisa. Essas eram parte fundamental do projeto de Lúcio Costa, pelas quais o pedestre percorreria todos os setores, atravessando das 100 as 200, sem confronto com o trânsito. Porém, a população de Brasília (especialmente as da Asa Norte) enfrenta um enorme desgosto ao precisar atravessar por essas passarelas. Além de sujas e quebradas, as mesmas contam com pichações de frases e desenhos ofensivos. Além da enorme insegurança que os transeuntes sentem ao ter que fazer a travessia no período noturno. Não há dúvidas de que o projeto das passarelas é de extrema importância para a cidade, que já dispõe de enorme densidade demográfica e grande fluxo de carros.

Assim, esse espaço percorrido cotidianamente, importante elemento do projeto de Lúcio Costa e significativo fator de mobilidade urbana ao pedestre, torna-se passível de análise. Primeiro pelo seu significado, em termos urbanísticos, relacionado às concepções de Lúcio Costa. Segundo porque é uma possibilidade ao pedestre, numa cidade cujo processo de circulação é predominantemente pautado por automóveis. Terceiro porque é um elemento cotidiano da dinâmica da cidade, como um todo, e de um setor em particular, a Asa Norte.

Mas, principalmente, porque é a conjugação desses fatores que permite uma compreensão da cidade, para além dela, por meio da paisagem urbana e sua cultura materializada nas passarelas. E, nessa dimensão, a possibilidade de se ensinar Geografia, numa perspectiva inovadora.

## 2.4 Cultura Urbana

Diante do exposto, até o momento, faz necessário efetuar algumas considerações referentes ao conceito de cultura urbana, uma vez que as passarelas subterrâneas da cidade de Brasília, apresentam-se como formas de expressão da cultura urbana do Distrito Federal.

O termo urbano vem do latim e significa “o que é próprio da cidade”. Cultura urbana seria, por extensão, a expressão de grupos que desenvolvem sua arte nas ruas, nos bairros, em espaços públicos que são democratizados, criando novas sociabilidades. (MENDONÇA, 2009). Nesse sentido, podemos dizer que a cultura urbana refere-se ao conjunto de práticas culturais, artísticas e desportivas realizadas em um espaço urbano, ou seja, nas cidades. Dentro das culturas urbanas enquadram-se as tribos urbanas, que representam grupos de pessoas que se comportam de acordo com as ideologias de uma subcultura, originada e desenvolvida no ambiente da cidade. Falar em cultura urbana, portanto, significa observar com atenção a realidade na qual todos nós estamos mergulhados.

A cultura pensada como processo atua no cotidiano das pessoas, modificando-as produtivamente, potencializando os sujeitos das ações, incidindo sobre a comunidade: reforça laços, estimula a conquista de autoestima, produz pensamento sobre o lugar de cada um na rua, no bairro, na cidade, no país, no mundo, abrindo-se à possibilidade de transformar e de democratizar esse processo (SALLES, 2004). Nessa perspectiva, (MORIN, 1975) complementa a ideia:

[...] uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade). (MORIN, 1975, p.10-11)

A cultura não é algo externo, ou uma estrutura que paira sobre todos, mas compõe homens em sociedade. Tal concepção de cultura esteve ausente durante muito tempo nos estudos dos geógrafos que poucas vezes questionaram com profundidade a condição existencial dos homens, preocupando-se muito mais com a comparação das diferentes paisagens da terra. Contudo, a rápida modernização da sociedade, a divisão do trabalho e a crescente uniformização das técnicas têm lançado questionamentos aos geógrafos que agora têm como grande desafio a análise das sociedades complexas. (VELHO, 1992).

Nesse contexto, constata-se que a sociedade contemporânea é composta por uma cultura heterogênea que se expressa de diferentes formas e em diferentes gêneros, como música, arte, dança e comportamento, notadamente nos centros urbanos. Assim, e no âmbito dessas variações culturais e artísticas, se inserem algumas manifestações, entre as quais destacamos as práticas de grafite e as pichações. Essas podem ser consideradas como modos pelos quais a cultura se expressa e se manifesta dentro dos grandes centros urbanos, ocasionando impactos positivos/negativos à sociedade. Os positivos referem-se àquelas manifestações que causam boa impressão, levam à reflexão, contemplação, admiração. Os negativos, ao contrário, são aqueles que causam algum tipo de desconforto, por serem agressivos ou ofensivos, por exemplo.

Tais considerações, aplicada ao contexto escolar, imputam novas responsabilidades à escola. Desse modo, é importante que o espaço escolar identifique e trabalhe as manifestações culturais e suas linguagens específicas, no sentido de possibilitar recriações e inovações, num processo de permanente mudança, pois a realidade nos mostra que os grupos sociais com diferentes culturas vivem juntos e expressam sua forma de pensar e agir sobre um mesmo espaço. Este universo de interação cultural passa por transformações dando espaço a uma diversidade muito grande de culturas e de novas linguagens. Nesse contexto, a escola contemporânea tem o potencial de contribuir para a (re)afirmação dessa cultura urbana, uma vez que constrói conhecimentos coletivamente e, nesse processo, legitima e valoriza uma dada cultura, aquela considerada de maior e melhor valor. Assim, aprender a aprender de forma interessante e significativa, proporciona aos alunos possibilidades de aquisição de habilidades para efetuar uma leitura do mundo e identificar seu papel social nesse contexto. É importante ressaltar que cultura urbana é tudo aquilo que é produzido pelas diferentes culturas, o que desencadeia a sua própria ampliação e ainda, a oportunidade de dispor de conhecimentos através do outro.

## 2.5 Manifestações Culturais: Grafite e Pichação

As considerações efetuadas até o momento nos conduzem à necessidade de explicitar as manifestações culturais identificadas nas passarelas subterrâneas de Brasília, a saber: o grafite e a pichação, que se constituem expressões da cultura urbana materializadas na paisagem de Brasília.

Integradas na categoria de manifestação cultural urbana, assim como a dança, a música, e o hip hop, entre outros, essas expressões chamam a atenção, na medida em que ocorrem cada vez mais nos grandes e médios centros urbanos. Capazes de alterar radicalmente a paisagem do lugar, o grafite e a pichação causam impacto visual e comportamental. Nesse sentido, observa-se uma tendência onde a população local opta por não frequentar ou utilizar os espaços públicos que estejam pichados, seja por sentir que está invadindo o espaço do inimigo, ou por se sentir ofendida por certas palavras e/ou desenhos.

Apesar de parecidas, estas formas de manifestação cultural apresentam definições e aceitações sociais completamente diferentes. Assim, o grafite é considerado arte e constitui-se uma manifestação urbana contemporânea, que há quase 40 anos têm se espalhado pelas grandes metrópoles, tornando-se um elemento visual comum a seus habitantes (CASCARDO, 2012). Já a pichação, que não é considerada arte é um ato de vandalismo, pois muitas vezes simboliza algo violento ou preconceituoso.

Visto em diversos lugares, grafites e pichações estão presentes não só na periferia, mas também nas grandes cidades e em grandes monumentos. Para a presente investigação, cujo foco direciona-se às passarelas subterrâneas da Asa Norte, é importante ressaltar, que essas ocorrem no contexto de toda a cidade, com destaque para aqueles em monumentos tais como a biblioteca nacional, a rodoviária e até mesmo no memorial JK. E, mesmo que a prática de pichar seja passível de criminalização e reclusão, ela ainda ocorre de forma indiscriminada em diversas cidades. Tal situação aponta para o seguinte questionamento: o que está por trás dessas manifestações? A reflexão sobre uma provável resposta a tal questão permite a suposição que a pichação não ocorre somente por uma questão de prazer, mas também com a intenção deliberada de transmitir algum tipo de mensagem para a sociedade.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que um dos objetivos das pichações é chamar a atenção da população, sendo esta uma forma de manifestação que busca escancarar problemas sociais, os quais, muitas vezes passam despercebidos pela nossa sociedade. Isso significa que é, também, uma forma de se fazer ouvir e de ser percebido. Atualmente, a ação dos

pichadores é enquadrada na lei 9.605/98, referentes aos crimes ambientais, cuja punição estabelece de três meses a um ano de detenção, além de pagamento de multa. Conforme o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998:

Art. 65 Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011). Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011) § 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa. (Renumerado do parágrafo único pela Lei nº 12.408, de 2011). § 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (Incluído pela Lei nº 12.408, de 2011). (BRASIL, 1998).

Nesse contexto, podemos pensar que as motivações que impelem um indivíduo a pichar ou grafitar são variadas, podendo ser pura e simplesmente pela sensação de risco, até o descontentamento com o sistema governamental e uma forma de protesto contra a política e o abuso de poder. Então, os prédios, praças, edifícios públicos e privados ficam sujos e cheios de palavras ofensivas, que expressam, muitas vezes, indignação e insatisfação com o regime político e/ou a atual situação do país. É possível, ainda, que muitas pessoas se identifiquem com certas palavras, e concorde com o posicionamento tomado pelo pichador, condenando apenas a forma com o qual foi expressada.

A pichação, não pode ser tratada como simples contravenção, pois se situa dentro de outros contextos da cidade e, muitas vezes manifesta uma realidade local. Quem é que nunca andou pelas ruas da cidade e se incomodou com os desenhos e frases pichados? Os rastros da pichação estão em tudo que se olha na cidade. Assim, a paisagem urbana se tornou alvo das latas de tintas e demais materiais usados para pichar. Geralmente, não todas, as pessoas que picham são membros de gangues ou grupos que pensam da mesma forma sobre determinado assunto, e se utilizam das paredes para expor os seus pensamentos. E isso acaba contribuindo para a violência nas ruas da cidade, pois um grupo ou gangue se julga superior ao outro, e os desafia a pichar lugares proibidos e difíceis. Mas, afinal, pichação é o ato de desenhar, rabiscar, ou apenas sujar um patrimônio (público, privado) com uma lata de spray ou rolo de tinta? Diferentemente do grafite, cuja preocupação é a ordem estética, o pichamento tem como objetivo a demarcação de territórios entre grupos. De modo geral, consiste em fazer

algo que - para os próprios pichadores - é uma arte e para a sociedade constitui-se num ato de vandalismo (CASCARDO, 2012).

O grafite é um movimento organizado no âmbito das artes plásticas. Apareceu em Nova Iorque no final dos anos 70, como movimento cultural das minorias excluídas da cidade e ainda, nos de Paris em decorrência da revolução cultural de 1968. O ponto comum dessas manifestações é que os grafiteiros querem divulgar essa ideia de arte. (LIMA, 2007). O grafite aparece de maneira anárquica, desafiando a moralidade vigente e colocando à prova as autoridades reguladoras. Consequentemente, trazem à tona diversas questões, como a noção de propriedade e patrimônio (CASCARDO, 2012).

Por muito tempo considerado como assunto irrelevante ou mera contravenção, atualmente o grafite é compreendido como forma de expressão incluída no âmbito das artes visuais, mais especificamente, da *street art* ou arte urbana - em que o artista aproveita os espaços públicos, criando uma linguagem intencional para interferir na cidade (LIMA, 2007).

Entretanto ainda há quem não concorde, equiparando o grafite à pichação. Grafitar prédios públicos ou privados, sem autorização dos respectivos proprietários, é uma atividade proibida por lei em vários países, mas o que vemos é que isso não é levado a sério. Ao contrário, quanto mais difícil e maior o risco, maior é o desafio dos grupos em conseguir demarcar territórios cada vez mais difíceis e impossíveis. E o alcance desses objetivos imputa uma noção de vitória e afirmação social dentro do grupo.

Nesse contexto pode-se afirmar, então, que as passarelas subterrâneas de Brasília carregam uma diversidade de desenhos e frases, que se enquadram tanto na categoria de grafite, quanto de pichação, demonstrando a ocorrência de conflitos entre os grupos praticantes e fornecendo evidências sobre a cultura urbana da cidade.

## CAPÍTULO III

### 3.1 Metodologia

#### 3.1.1 Perspectiva Metodológica

A opção metodológica para esta pesquisa foi à qualitativa, pelo fato de envolver representações culturais dos indivíduos, particularidades, subjetividades e a complexidade das situações que ocorrem no cotidiano dos grandes centros urbanos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Nesse sentido,

“A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu próprio instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador e a análise de dados tende a seguir um processo indutivo” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11-3).

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Nesse sentido, optou-se por não se traduzir em números, e sim explorar essa subjetividade inserida não só nos indivíduos, mas também nas paisagens urbanas. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Por dados não mensuráveis, entende-se: sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações. A pesquisa qualitativa proporciona compreensão em profundidade do contexto do problema. É um método indutivo por excelência, para entender por que o indivíduo age como age, pensa como pensa ou sente como sente, pois, respostas em profundidade são geradas apenas pelo viés qualitativo.

A abordagem qualitativa se torna crescentemente importante como método de pesquisa aplicada a diversas áreas do conhecimento: às ciências sociais, educação, planejamento, trabalho social, desenvolvimento comunitário, ao estudo do comportamento político, em corporações e para pesquisas de mercado. Tem caráter exploratório, isto é, estimula os

entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Mostra aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

### **3.1.2 Pesquisa Empírica**

Este item objetiva apresentar e descrever os instrumentos e os procedimentos utilizados para a construção e análise dos dados. Nesse sentido a escolha da metodologia é considerada um dos desafios enfrentado pelo pesquisador, pois, conforme (DESLANDES, 2007; p.16) “a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)” e os conhecimentos gerados serão, portanto, determinados por estas condições.

### **3.1.3 Contexto de construção das informações empíricas**

O lugar escolhido para a realização da pesquisa foi a Asa Norte de Brasília, lugar de vivência cotidiana há mais de 4 anos. Dentro da Asa Norte de Brasília estão às passarelas 08 subterrâneas para pedestres, objeto de estudo desta investigação. As passarelas subterrâneas são parte fundamental do projeto de Lúcio Costa. Pelas passarelas, o pedestre pode percorrer todos os setores da cidade, atravessando das quadras 100 as 200 sem confronto com o trânsito. Porém, a população de Brasília, especialmente a da Asa Norte, enfrenta relativo desconforto ao precisar passar por essas vias. Pois, além de sujas e quebradas, as mesmas contam com pichações de frases e desenhos ofensivos, causando, assim, insegurança nos pedestres que precisam fazer a travessia no período noturno, pelo risco de assalto e/ou outros tipos de violência.

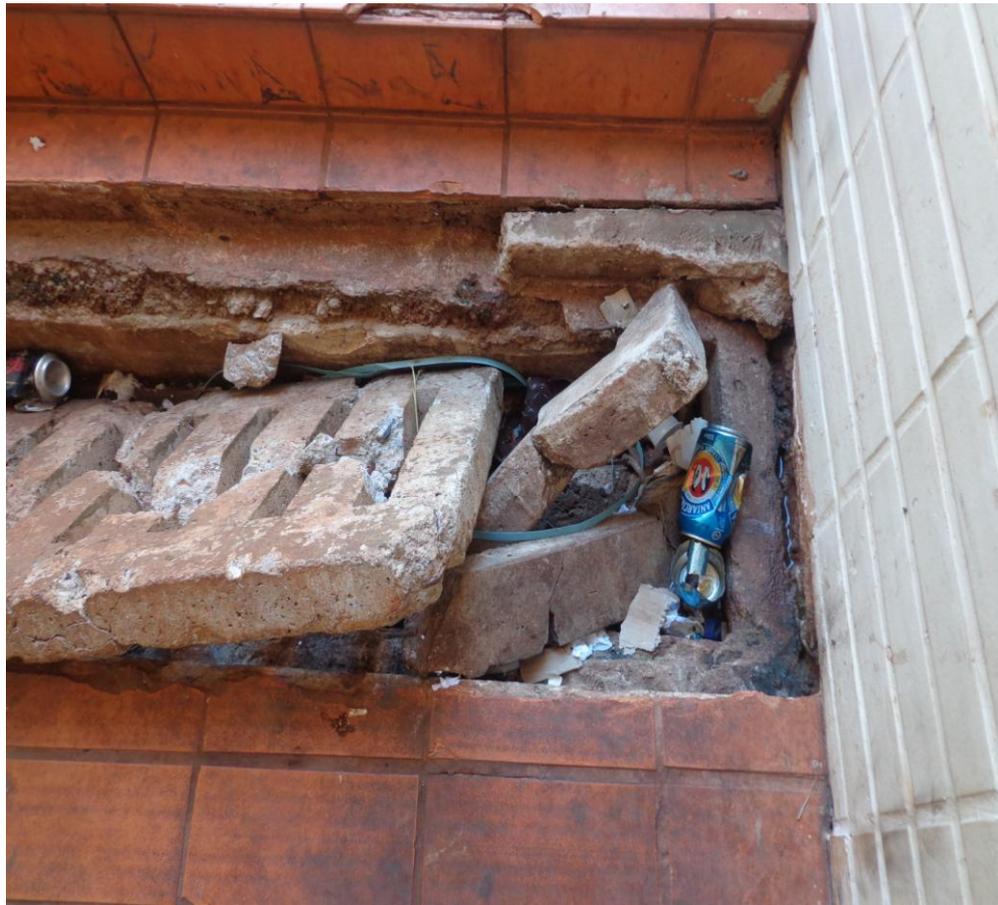
Ao visitar as passarelas para efetuar os registros fotográficos, tais problemas foram constatados: muitas delas com piso quebrado, várias latinhas utilizadas por usuários de crack, pichações, forte odor de excrementos e luminárias quebradas. Além disso, a recente pintura e/restauração das paredes, também foi afetada, pois, hoje, já se encontram pichadas. As imagens que se seguem exemplificam a situação:

**Figura 01:** Evidências de consumo de crack



Fonte: Arquivo pessoal, 2013

**Figura 02:** Sujeira e piso quebrado



Fonte: Arquivo pessoal, 2013

A ideia de fotografar e registrar os grafites e as pichações recorrentes nas passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília surgiu em decorrência das discussões efetuadas na disciplina “Educação em Geografia”, cursada no primeiro semestre letivo de 2013, onde foi realizada pesquisa sobre os lugares de vivência dos alunos, com ênfase na paisagem urbana e cultura dessas localidades. Naquela ocasião constatou-se que as passagens subterrâneas constituem-se elementos fundamentais do projeto urbanístico da cidade de Brasília, sendo parte indissociável das vias que cortam todo o plano piloto e significativo elemento de representação da paisagem urbana. Por isso, para essa pesquisa, esse objeto foi retomado, na perspectiva de aprofundamento teórico, para verificar como as manifestações culturais de pichação e grafite, presentes naquela paisagem, refletem a cultura urbana da cidade.

### 3.1.4 Procedimentos de Construção de Informações Empíricas

A construção dos dados desta pesquisa se traduziu por três procedimentos distintos: fotografias, diário de campo da pesquisadora e entrevistas. Para o primeiro, foram tiradas cerca de 300 fotografias das 08 passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília. Entre essas, foram selecionadas 31 para exposição e análise neste trabalho, consideradas as mais representativas. O diário de campo da pesquisadora foi de extrema importância para anotações e reflexões posteriores. Para o terceiro, foram feitas entrevistas de forma aleatória com 9 pedestres que transitavam nas passarelas no momento em que eram realizados os registros fotográficos, dentre eles 4 eram mulheres, 4 eram jovens estudantes e 1 idoso aposentado que mora na Asa Norte há 16 anos. O objetivo geral das perguntas foi de identificação dos significados conferidos às manifestações culturais de grafite e pichação expressas nas paredes das passarelas. A abordagem desses pedestres aconteceu de forma natural e espontânea, sem critérios ou pré-requisitos.

As passarelas subterrâneas de Brasília estão localizadas nas quadras ímpares das 100 e 200 da Asa Norte conforme figura abaixo:

**Figura 03:** Localização das passarelas subterrâneas de Brasília



Fonte: <http://blogdaunr.blogspot.com.br/2011/06/passagens-subterraneas-que-interligam.html>

### 3.1.5 Procedimentos de análise das informações empíricas

Os registros fotográficos das passarelas subterrâneas da Asa Norte foram analisados por meio dos seguintes procedimentos:

1. Identificação e separação das 31 fotografias mais significativas para exposição e análise neste trabalho;
2. Agrupamento por categoria: pichação ou grafite;
3. Identificação do tipo de mensagem implícita ou explícita contida em cada categoria: machista, feminista, preconceituosa, racista, oposição ao regime governamental; depredação.

No que se refere às entrevistas, estas foram feitas de forma aleatória com os transeuntes e usuários das passagens subterrâneas da Asa Norte que transitavam no local no momento em que eram feitos os registros fotográficos.

O objetivo geral desta abordagem foi de tentar identificar o que o pedestre e usuário desse espaço pensa a respeito das manifestações culturais de pichação e grafite recorrentes nesta paisagem. Nesse sentido, foram entrevistados 9 transeuntes em um único encontro com perguntas como; identificação do modo pelo qual esse sujeito vê e percebe as manifestações culturais de pichação e grafite nas passarelas; se as mesmas ocasionam algum impacto emocional; se há preferência de travessia entre as passarelas ou o eixão. Nesse sentido, as entrevistas foram organizadas em forma de tabela e será apresentada posteriormente.

O diário da pesquisadora contou com registros efetuados após cada entrevista, constituindo-se importante subsídio as análises, por conter observações relativas às condições dos locais visitados e outros comentários relevantes pelos usuários. Além de conter impressões e observações a respeito do local investigado.

### **3.1.6 Instrumentos e Materiais**

Para essa pesquisa foram utilizados os seguintes materiais: máquina fotográfica e caderneta de anotações para campo.

Os instrumentos utilizados foram o diário da pesquisadora, o trabalho de final de curso da disciplina Educação em Geografia “Um olhar sobre a Asa Norte”. O primeiro foi importante porque apresentou várias observações, identificadas por ocasião do registro fotográfico. O segundo, constitui-se a base inicial desta pesquisa, sendo o elemento de extrema importância e o ponto de partida para referido trabalho.

## **3.2 Resultados**

Os resultados deste trabalho apresentam-se divididos em dois itens – Registros Fotográficos e Entrevistas – de acordo com o estabelecido pelo método de trabalho.

### ***3.2.1 Registros Fotográficos***

Os registros fotográficos foram efetuados no dia 28 de junho de 2013. No total foram tiradas 300 fotografias de todas as passarelas subterrâneas da Asa Norte. A partir dessas foram selecionadas 31 fotografias para análise, sendo dessas 21 de pichações e 7 de grafites, as demais evidenciam o uso de crack e degraus quebrados.

A classificação inicial das fotografias se deu por categorias: pichação e grafite. Nesse sentido, os itens que se seguem apresentam a maneira pela qual cada categoria e subcategoria foram identificadas.

### ***3.2.2 Categoria: Pichação***

As imagens a seguir mostram a existência de subcategorias dentro da categoria identificada como pichação. Nesse sentido, evidenciam a existência de muitas pichações feitas de forma aleatória e, a princípio, sem informação explícita. Porém, podemos nota-las como forma de identificação de grupos, a saber: machistas, feministas, racistas, movimentos pela

educação, oposição ao atual governo e repúdio a autoridade e aos policiais. Esses grupos encontram-se representados pelas imagens que se seguem.

**Figura 04:** Pichação aleatória



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 05:** Pichação aleatória



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 06:** Pichação aleatória



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 07:** Escada de acesso a passagem



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 08:** Contra toda autoridade



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 09:** Afronto à polícia



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 10:** Grupo ANA que defende os direitos das mulheres



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 11:** Grupo ANA



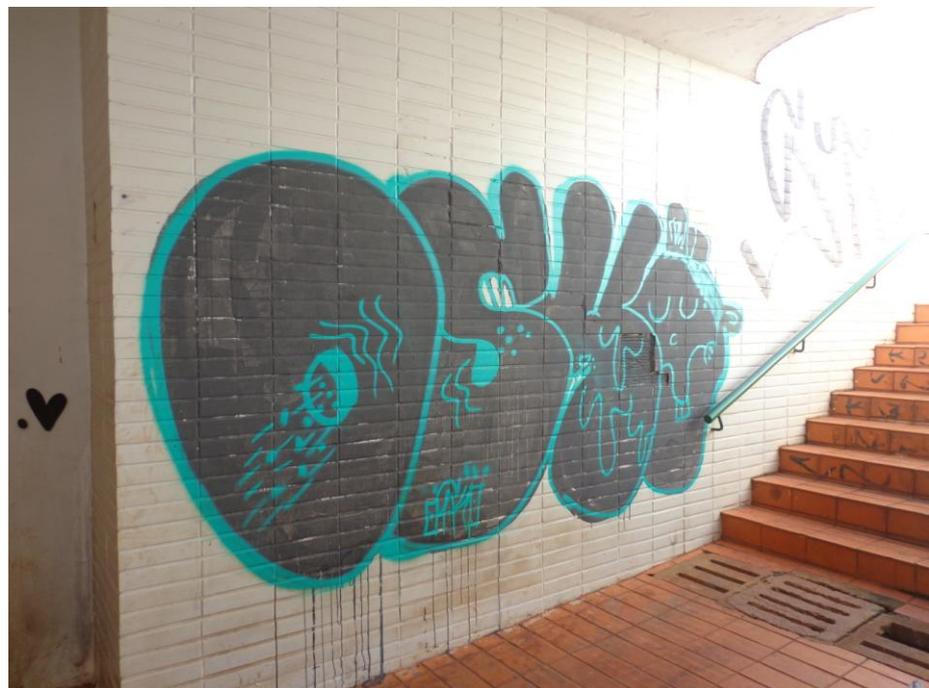
Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 12:** Grupo contra o machismo



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 13:** Identificação de grupos



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 14:** Grupo contra o machismo



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 15:** Grupo pró educação (Movimento Estudantil Popular Revolucionário)



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 16:** Grupo pró educação (Movimento Estudantil Popular Revolucionário)



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 17:** Oposição ao governo



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 18:** Oposição ao Governo (continuação)



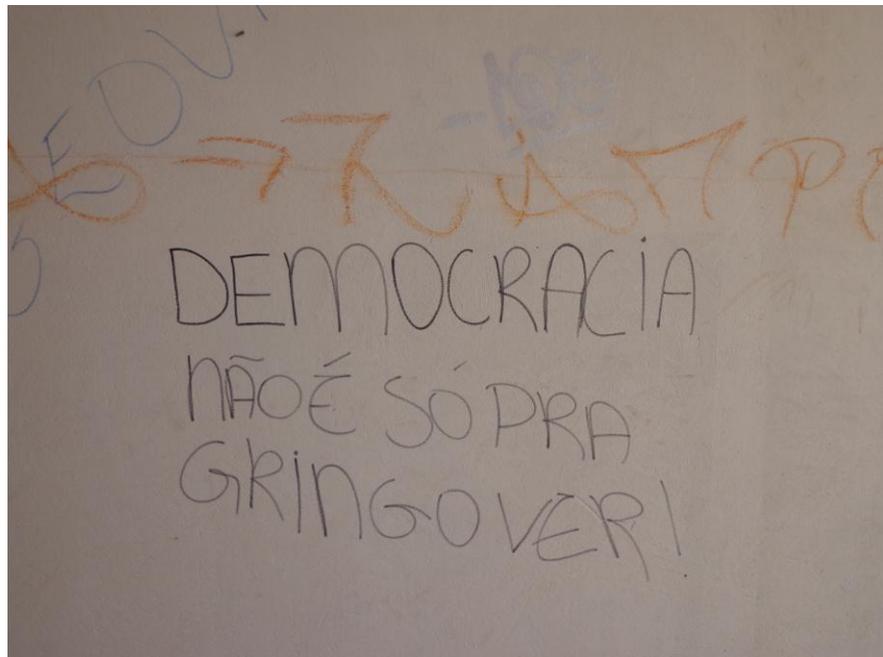
Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 19:** Grupo pró educação (Movimento Estudantil Popular Revolucionário)



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 20:** Oposição ao Governo



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 21:** Diferentes grupos



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 22:** Grupo X



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 23:** Parede quebrada



**Figura 24:** Diferentes grupos



Fonte: arquivo pessoal, 2013

### 3.2.3 Categoria: Grafite

Diferentemente das pichações, que ocupam grande parte dos muros e monumentos e são vistas praticamente em todo lugar, o grafite mostra-se menos recorrente na paisagem de Brasília. Como identificado anteriormente, o grafite é uma manifestação cultural considerada arte, pois apresenta desenhos bem elaborados, com muitas cores e riquezas de detalhes. As figuras que se seguem mostram que o grafite é uma arte bem elaborada e que, de certa forma, embeleza determinadas paisagens.

**Figura 25:** Grupo ANA



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 26:** Rosto feminino



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 27:** Guerreira



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 28:** Flor



Fonte: arquivo pessoal, 2013

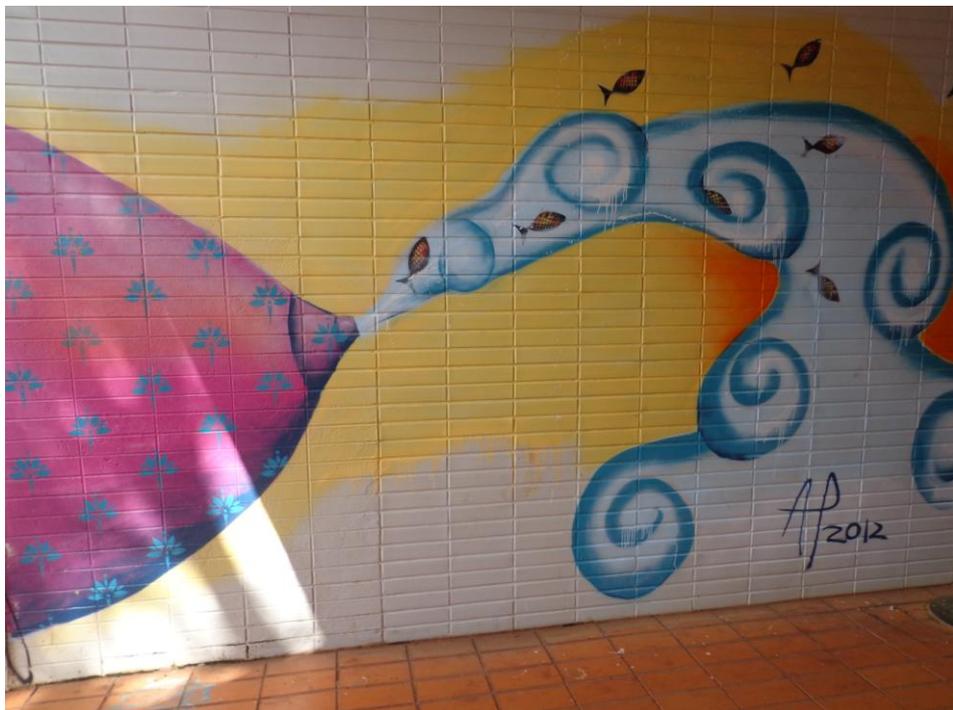
**Figura 29:** Coruja



Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 30: Mulher**

Fonte: arquivo pessoal, 2013

**Figura 31: Peixes**

Fonte: arquivo pessoal, 2013

### 3.2.4 Entrevistas

As entrevistas foram sistematizadas em dois quadros distintos. O primeiro sintetiza a posição de cada entrevistado em relação às passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília. O segundo identifica as temáticas gerais apresentadas nas entrevistas, como pode ser constatado a seguir.

**Quadro 01:** Posição dos Entrevistados

<b>Especificação</b>	<b>Dado</b>
<b>Entrevistado 01</b>	“Pintaram em um dia no outro já amanheceu tudo riscado ou pichado como dizem, então a comunidade, a população não ajuda também.”
<b>Entrevistado 02</b>	“Uso a passagem subterrânea, pois vou para uma academia que é do outro lado, também uso quando preciso ir ao HUB, e o trânsito hoje está terrível, ando mais rápido indo a pé. Porém eu faço assim: passo o eixinho por cima e só na parte do eixão, que é mais movimentado, eu vou por baixo.”
<b>Entrevistado 03</b>	“Essas pichações são uma vergonha. Mas isso sempre foi assim, hoje vemos um movimento diferente aqui nas passagens.”
<b>Entrevistado 04</b>	“As pessoas fazem o trabalho tudo direitinho, deixa tudo bonitinho, aí vem um indivíduo lá da casa do “cacete” e picha tudo, deixa a coisa maior feia. A gente passa e fica vendo aquelas pichações, pô isso é feio pra comunidade.”
<b>Entrevistado 05</b>	“Isso é uma sacanagem de povo que não tem o que fazer, mas isso sempre foi assim, e isso não é só aqui, já morei na Asa Sul e sempre foi assim também, eles não podem ver uma parede limpa.”
<b>Entrevistado 06</b>	“Esses caras que riscam vem aqui só pra sujar, não moram aqui não. Quem mora aqui, não que sujar o lugar, é que nem em casa, ninguém quer deixar sua casa suja, querem manter sempre limpa, agora a casa dos outros né?”
<b>Entrevistado 07</b>	“Eles pintaram nem faz muito tempo, e ficou tudo bonitinha né, mas rapidão eles vem e picham tudo. Do nada, tu passa num dia no outro já tá lá.”

<b>Entrevistado 08</b>	“Não tem o que fazer né, eles vem à noite que é para ninguém vê. Isso são esses meninos de gangues que vem de longe, e fazem isso em tudo que é lugar.”
<b>Entrevistado 09</b>	“Esses jovens fazem isso em qualquer lugar, e fazem para demarcar território, ou simplesmente para chamar atenção, isso me incomoda um pouco, pois os moradores reclamam da sujeira, da falta de cuidados, mas faz pouco tempo foi tudo limpo e reformado, colocaram lâmpadas novas, e logo estava tudo feio novamente.”

**Quadro 02:** Síntese das temáticas identificadas nas entrevistas

<b>Especificação</b>	<b>Entrevistados</b>
<b>Pichação</b>	<p>“Essas pichações são uma vergonha. Mas isso sempre foi assim, hoje vemos um movimento diferente aqui nas passagens. Um tempo atrás eram só hieróglifos, aquelas letras deles lá, e só para sujar mesmo, mas não palavras de ordem como vemos hoje, solicitando alguma coisa, ou defendendo algo em que acreditam. Mas isso é muito recente, mas como o país está todo desse jeito, com o povo descontente de tudo, acho que muitas pessoas aproveitam qualquer lugar para demonstrar sua insatisfação contra o governo”</p> <p>“Eu acho essas pichações horrorosas, alguns são muito constrangedoras, e fica feio né?”</p>
<b>Grafite</b>	<p>“Eu sei que tem uns desenhos aí que até que são legais, mas já que tá tudo feitinho, tudo pintadinho, pra que colocar desenho? E tem mais, quem faz isso aí eu não tenho dúvida que fazem outras coisas também, vem aqui só pra destruir”.</p> <p>“Acho sim, existe os grafites, que é um meio muito melhor de se expressar, e até as pessoas pedem pra fazer, em alguns lugares liberam pra fazer, acho que é um jeito bonito de deixar a cidade. Mas essas pichações com esses nomes, esses negócios aí eu não gosto não.”</p>

<p style="text-align: center;"><b>Sujeira</b></p>	<p>“Esses caras que riscam vem aqui só pra sujar, não moram aqui não. Quem mora aqui, não que sujar o lugar, é que nem em casa, ninguém quer deixar sua casa suja, querem manter sempre limpa, agora a casa dos outros né?”</p> <p>“Pois os moradores reclamam da sujeira, da falta de cuidados, mas faz pouco tempo foi tudo limpo e reformado, colocaram lâmpadas novas, e logo estava tudo feio novamente. ”</p>
<p style="text-align: center;"><b>Insegurança</b></p>	<p>“Tenho medo, aquilo é muito escuro, há pouco tempo eles reformaram tudo, colocaram lâmpadas novas e luminárias até protegidas por grade, mas eles destroem tudo, é uma pena, são uns vândalos. Jogam pedras.”</p> <p>“Acho que isso é um problema que acontece em todo lugar, alguns escolhem as passagens por que tem menos visibilidade, é mais tranquilo pro cara, não precisa nem ser à noite(...) eu não tenho medo do pichador tenho medo de assalto”</p> <p>“Mas o fato é que do jeito que é essa daqui não dá mais, pois é só colocar lâmpada que eles quebram e rebentam tudo e a noitinha quando volto da faculdade já está escuro, não dá pra ver nada e dá até medo passar por aqui. Isso é estranho pois moro aqui a vida toda, mas quando passo por aqui é como se tivesse invadindo o terreno do inimigo”.</p> <p>“Mas mesmo de dia eu tenho até medo de passar por aqui, mas por cima é muito perigoso né, então tem que passar por baixo, mas não passo sozinha, só passo com turma. ”</p>

#### 4 Discussão

Diante do exposto até o momento e considerando-se o disposto na fundamentação teórica desta investigação, podemos constatar diversas perspectivas e diferentes percepções do olhar sobre a paisagem de um determinado lugar. Vimos que as manifestações culturais de grafite e pichação, recorrentes nas passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília, carregam em si mensagens fortes e de grande impacto visual como a imagem a seguir:

**Figura 32:** Sentidos



Fonte: Arquivo pessoal, 2013

Percebemos que há diferenciação entre grupos e que cada um carrega uma identidade visual e uma maneira de se identificar bastante singular e subjetiva. E que mesmo diante de leis punitivas, esse tipo de prática continua crescendo e marcando a paisagem urbana das cidades.

Nesse sentido, notamos que os grupos identificados defendem os seus ideais e a maneira com a qual pensam a política, a educação, o machismo e o racismo não só de maneira agressiva, com dizeres ofensivos, como também de maneira menos chocante, através de desenhos e frases de impacto.

**Figura 33:** Violência

Fonte: Arquivo pessoal, 2013

Porém, nota-se que a pichação é a manifestação mais recorrente e também a que mais incomoda a comunidade local, podendo ser encontrada em diversos lugares da cidade. Acreditamos que, por se tratar de uma linguagem livre, muitas vezes relacionada a disputas territoriais entre gangs, a pichação recebe certo destaque na paisagem urbana, provavelmente por estar associada à situação de insegurança e violência.

Um grupo que identificamos e se mostrou bastante presente foi o ANA. Este defende os direitos das mulheres, a partir de frases emblemáticas contra o machismo, bem como referências a Maria da Penha Maia Fernandes, líder de movimentos de defesa à mulher e que deu nome à lei 11.340/06. Como nos mostra a imagem a seguir:

**Figura 34:** Grupo ANA



Fonte: Arquivo pessoal, 2013

Outro grupo forte foi o MEPR, Movimento Estudantil Popular Revolucionário, que reivindica não só melhorias na educação como também a criação e implantação de uma universidade aberta, no campo, igualitária para todos.

**Figura 35:** Grupo MEPR



Fonte: Arquivo pessoal, 2013

Nesse sentido, vimos que os grupos se manifestam de forma a chamar a atenção dos cidadãos que utilizam as passagens subterrâneas para problemas reais existentes na sociedade, que não tem espaço na mídia convencional. Assim, essas manifestações objetivam, mesmo, posicionar-se diante de determinadas questões, postas no dia a dia da sociedade. É exatamente nessa perspectiva, de reflexão sobre as questões postas no cotidiano da cidade, que se estabelece o vínculo para um “fazer Geografia” na escola, que efetivamente possa contribuir com a leitura do mundo e formação do cidadão. Em consequência, pode-se inferir o potencial que a Geografia Escolar apresenta para a formação de cidadãos conscientes do seu lugar no espaço, de um lado, da importância de se estabelecer um diálogo com o mundo real, extra escola, em que o aluno é sujeito ativo no processo de ensino/aprendizagem, de outro.

Diante disso, percebemos que elementos concretos da realidade cotidiana permitem a Geografia Escolar aprofundar os conceitos de Lugar e paisagem, aproximando o aluno da sua realidade, contextualizando-o em relação a sua aprendizagem de leitura do mundo. Nesse sentido, vimos que é possível, por meio de questões postas no dia a dia, efetuar uma leitura da paisagem urbana e percebê-la como um importante elemento da cultura local e, por conseguinte, do processo de construção do próprio espaço.

Nesse contexto, ao identificarmos as manifestações culturais existentes nas passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília, percebemos que as mesmas evidenciam traços da cultura urbana, o que nos leva a inferir que a análise dessa paisagem constitui-se importante elemento de investigação para compreendermos a importância do conceito geográfico de lugar. Como vimos em Moreira (2009), a Geografia é um saber do espaço vivido, um saber que integra a realidade local com a realidade global permitindo o aluno fazer inferências e construir conhecimentos.

Nessa perspectiva, vimos que o espaço é humano não porque o homem o habita, mas porque o produz. Assim, o que se percebe nas passagens subterrâneas, em sua maioria, são apelos por mudanças políticas e reivindicações por segurança e educação, o que evidencia, principalmente, uma insatisfação em relação ao governo atual. Assim, as manifestações materializadas nas passarelas, evidenciam que a cidade é a expressão de um modo de vida e concentra todas as representações acerca da contemporaneidade.

No que se refere à paisagem, esta é considerada um instrumento essencial de leitura e de aprendizagem no ensino da Geografia, e que carrega uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural. Como destacado nas figuras 01 (Evidências do consumo de crack), 02 (Sujeira e piso quebrado) e 23 (Parede quebrada), apresentadas no

tópico anterior, é compreensível o desconforto causado pelas frases, pela sujeira, pelo forte odor de excrementos e pelas paredes quebradas, para àqueles que precisam utilizar esses espaços para se locomover. Além desse desconforto, há de se concordar, também, que a sensação de fazer a travessia pelas passarelas subterrâneas é de insegurança e medo, principalmente no período noturno em virtude da escuridão, falta de policiamento, presença de drogados e mendigos. Tal situação leva muitos transeuntes a arriscarem suas vidas ao fazer a travessia no eixão, avenida com seis faixas de rolamento, de alta velocidade e tráfego intenso, palco de muitos acidentes, principalmente atropelamentos.

Analisando o relato dos entrevistados, nota-se que a insegurança é constante, não só pela falta de iluminação no período noturno, mas também por se sentirem invasores de um espaço ocupado por gangs e marginais. Como evidenciado na figura 06, há apologias ao uso de drogas e xingamentos a polícia como na figura 09. Além de identificação de grupos como as figuras 04 (Pichação aleatória), 13 (Identificação de grupos) e 22 (Grupo x).

Todos esses elementos oferecem possibilidades de reflexão sobre a vida urbana, importante viés para leitura e compreensão do mundo. Desse modo, comprova-se que existem diversas maneiras de se estudar o Lugar e entre essas, a análise dos elementos concretos da paisagem, que como vimos, carrega importantes elementos da cultura. Assim, o estudo do espaço vivido possibilita a compreensão da dinâmica da cidade, o papel de cada um nesse contexto e também das instituições e entes envolvidos no conjunto urbano, além das temáticas afetas à gestão do espaço urbano e a construção da noção de cidadania. Levar para as aulas de Geografia uma proposta dessa natureza pode ocasionar, não somente, a dinamização das aulas, mas principalmente, a significação de conteúdos tradicionais da Geografia. Isso significa um redimensionamento da aplicabilidade desses conteúdos, pela possibilidade concreta de serem úteis a construção da compreensão do próprio processo de produção do espaço, de um lado, e da formação da cidadania, de outro. Afinal, aprender a cidade, aprender na cidade e aprender da cidade, a partir das passarelas subterrâneas da Asa Norte, subvertem a lógica tradicional da Geografia Escolar ao formar um indivíduo que compreenda o mundo onde está e ele identifique o seu papel.

## 5 Conclusão

Esta pesquisa considerou os conceitos de lugar e paisagem, categorias de análise do espaço geográfico, como premissas de orientação às análises dos registros fotográficos das passarelas subterrâneas de pedestres da Asa Norte de Brasília; identificou como se apresentam as manifestações culturais de pichação e grafite nos centros urbanos, e como estas tem relação com realidade local.

Nesse sentido, podemos destacar a importância e a relevância de se estudar a cultura local dentro do conjunto de conteúdos que compete à Geografia Escolar. A vida em uma determinada cultura corresponde à interação entre as versões de mundo que as pessoas formam sobre influência da sua realidade. É nesse contexto que a escola pode contribuir ao trabalhar o lugar através de elementos concretos da sua realidade.

A partir dessa discussão, podem-se construir novas formas de se estudar o lugar através da sua paisagem, que é construída e compartilhada pela comunidade. Com isso, abre-se possibilidade efetiva de aprendizagem sobre o lugar na perspectiva de sua valorização, pela disponibilização de referências culturais existentes na paisagem.

Os resultados desta pesquisa confirmaram que as passarelas subterrâneas da Asa Norte de Brasília constituem-se espaços de exposição de manifestações culturais de grafite e pichação que representam, muitas vezes, a insatisfação dos jovens com a atual situação do país. Tal fato revela a existência de uma tensão entre os grupos que se manifestam e alteram radicalmente a paisagem do lugar.

Por fim, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir com a valorização da Geografia Escolar no que se refere a representações concretas da realidade vivida pelos alunos. Para isso é necessário estabelecer um diálogo com o lugar de vivência do aluno, e através de aspectos concretos de sua realidade poder fazer relações conceituais e construir a noção de espaço geográfico.

## Referências

ANDRADE, M. C. de (Org.) Élisée Reclus. São Paulo: Ática, 1985.

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, M. C. **Caminhos e Descaminhos da Geografia**. São Paulo: Papirus, 1993.

BERINGUIER, C. e BERINGUIER, P. (1991). Manieres paysageres une methode d'etude, des pratiques. In: GEODOC. Toulouse: Univesité de Toulouse. p. 5-25.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (eds.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1984], p. 84-91

BERTRAND, Georges ; BERTRAND, Claude. A paisagem entre a natureza e a sociedade. In: PASSOS, Messias Modesto (Org). Uma geografia transversal e de travessias. Maringá, PR: Massoni, 2007.

CALLAI, Helena C. (2000). **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Medição.

CALLAI, Helena C., CASTELLAR, Sonia V. e CAVALCANTI, Lana de S. (2007). **Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil**. In: Terra Livre , ano 23, vol. 1, no. 28. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Presidente Prudente, SP: AGB.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia/Go: Editora Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de S. **A Geografia escolar e a cidade**. Campinas-SP: Papirus, 2008

CAVALCANTI, Lana de S. **“Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no mundo contemporâneo”**. In: A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008, p.15-37.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 2.ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Cidade Verde. Disponível em; <http://wbrasil.com/CidadeVerde.htm>. Acesso em 25 mar 2004 às 15:35

Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: Uma contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

CLAVAL, PaulA **geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999 [1995].

Cultura urbana e educação. ISSN 1982 – 0283. Ano XIX – Nº5 – Maio de 2009. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R, MINAYO, C. S. (Org.). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARVEY, David (2005). Espaços de esperança. São Paulo: Edições Loyola.

LEITE, Cristina Maria Costa. “**Geografia no Ensino Fundamental**” In: Universidade de Brasília/Departamento de Geografia, Coleção Espaço e Geografia, Vol.5, N.º 2, Gestão Urbana e Regional, 2002, p.245-280.

LEITE, Cristina Maria Costa & BARBATO, Silviane. Reflexões sobre a construção do conceito de Lugar na escola contemporânea. Brasília: Espaço & Geografia, Vol.14, No 2, 2011, p. 225-255.

LEITE, Cristina Maria Costa. O lugar e a construção da identidade: os significados construídos por professores de Geografia do ensino fundamental. 2012. xvii, 222 f. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MENDONÇA, Rosa; SALLES, Ecio. Cultura Urbana e Educação. In: Salto para o Futuro – Tv Escola. nº5. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação à Distância, Ministério da Educação, Governo Federal, 2009.

MORAIS, Antonio Carlos Robert. **A Gênese da Geografia Moderna**. Editora: HUCITEC, São Paulo, 1989.

MORCELLI, Danilo. Paisagens paulistanas, memória e patrimônio às margens do Rio Tietê. São Paulo, 2013.

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia? 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX : o espírito de tempo. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1975.

O Grafite e a Pichação. Disponível em; <http://www.klickescolas.com.br/>. Acesso em: 30 mar 2014 às 11:49.

Plano Piloto. Disponível em; [http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/plano\\_piloto.html](http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/plano_piloto.html). Acesso em: 25 mar 2014 às 14:36.

Revista Discente Expressões Geográficas. Florianópolis – SC, N°02, p. 10-24, jun/2006.  
[www.cfh.ufsc.br/~expgeograficas](http://www.cfh.ufsc.br/~expgeograficas)

SALLES, Ecio. Culturas transitivas. In: Heloísa Buarque de Hollanda (org.). Cultura e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, p.90-103.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1991.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação (LDB): trajetória, limites e perspectivas**. 6ª. Ed. Campinas, Autores Associados, 2000-e.

SENNETT, R. (2000). A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro, Record.

SOJA, Edward. Geografias pós-modernas. **A reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

VELHO, Gilberto. A utopia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.